

Fernando Pessoa

**FAUSTO: — Não descreio de Deus, passei p'ra além...**

— ...Deus  
FAUSTO:  
Não descreio de Deus, passei p'ra além...  
Um dia, meditando  
Uma ideia espontânea e horrorosa  
Como um vulto supremo sem ter vulto,  
Surgiu no fundo do meu pensamento...  
Como a noite corporizada, e o medo  
Vestindo-a, e (...)  
Apareceu-me Deus em esqueleto...  
Tudo despira do seu corpo ideal  
Não de infinito só, de inatingível,  
Mas mesmo de mais do que inatingível.  
Até ao fundo do seu ser abstracto  
O meu ser despi, e eu vi o (...)  
Esqueleto (...) do Mistério...  
O informe tomou forma dentro em mim...  
Ah inda hoje, se relembro, sinto  
Como um medo no longe, um pavor negro  
Não em mim, mas em todo o Universo,  
Um arrepio pelas estrelas fora  
E um grande horror arrepanhando os céus  
Como à humana pele que tem medo...  
(*treme*)

— Isso é um pensamento...  
FAUSTO:  
Se eu pensei  
Isto, se isto me foi possível  
É crível que a verdade seja  
Mais profunda que o meu pensamento.  
Como pensei eu cousas mais profundas

Do que a verdade em si?  
Apareceu-me o Universo íntimo  
Do misterioso avesso... E eu vi, (...)  
O outro lado das cousas, não das cousas  
Aparentes apenas, mas o outro  
Lado até do Essencial, do Inaparente,  
Do além-divino e do Divino em Deus...  
Tinha a forma, sensível aos meus olhos  
Do espírito, dum imenso céu estrelado.  
Mas eu, com nítida visão de dentro,  
Via que era infinito, como se visse  
Em corpo e forma (...) [...]  
E sob o meu olhar apavorado  
Vi o nosso sistema do universo  
Mais perto... A ideia abstracta e nua,  
A vida extrema e última de nós.  
O Ser, o ser abstracto e (...)  
Era um sol — sol de (...) e seguia  
Como da circunferência para o centro  
(Não como nós que vemos sempre — e em sonho  
É o mesmo (do centro sempre p'ra o espaço,  
Real ou suposto nessa circunferência) —  
Eu vi, e cada sol e seu sistema  
Ia em outros sóis e outros sistemas  
Na órbita de sóis mais interiores  
(O centro de cuja circunferência  
Eu via em infinito para dentro,  
Não para fora como infinito mesmo)  
E o nosso mundo como um deus nele  
Era um mero satélite  
De um sol do só primeiro sistema  
Raiando a ideia sobre o seu mundo.

Infinito interior ao interior!  
Pavorosa agonia do Profundo!  
Vacuidade e realidade negra  
De tudo!

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 66.